

Olgária Chain Féres Matos

Biografia Comentada

Por Silvio Carneiro

“O autor consciente das condições da produção intelectual contemporânea (...) não visa nunca a fabricação exclusiva de produtos, mas sempre, ao mesmo tempo, a dos meios de produção. Em outras palavras: seus produtos, lado a lado com seu caráter de obras, devem ter antes de mais nada uma função organizadora”

Walter Benjamin, O Autor como Produtor

Anos de Chumbo, Anos de Formação

Do Chile ao Brasil, com passagens pela França, Olgária Chain Féres Matos manifesta as ideias e o espírito de uma geração latino-americana que vi-

venciou mudanças profundas. Imaginemos seu percurso: nascida em 21 de junho de 1948 em Santiago do Chile, reencontramos esta personagem anos mais tarde em terras brasileiras, entre os anos 1967 e 1970, frequentando as aulas da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. E que período! Para o biógrafo que escreve anos depois sobre aquele tempo, é fácil descrever as experiências daquela geração como o olho do furacão de mudanças. Mudanças políticas para quem iniciou sua formação na paulistana Rua Maria Antonia; mudanças teóricas, para quem percebe as transformações radicais que a ditadura militar inflige sobre o currículo acadêmico.

Quem hoje passa pela Rua Maria Antonia, e nota o Centro Cultural Maria Antonia rodeado por barzinhos por todos os lados, não imagina que, em 1968, este ambiente boêmio teria sido o palco da “Batalha da Maria Antonia” – um momento sintomático das tensões do país em ebulição. Naqueles anos, Olgária Matos estudava autores clássicos da Filosofia em meio aos protestos estudantis contra a ditadura militar no Brasil. A mudança ocorreria quando, em outubro de 1968, estudantes (ligados à União Estadual dos Estudantes) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, situada naquele período na Rua Maria Antonia, que protestavam contra a ditadura militar, sofreram retaliações dos estudantes da Universidade Mackenzie (muitos deles ligados à FAC – Frente Anti-Comunista – e ao MAC – Movimento Anti-Comunista). A divergência de opiniões levou à morte de um estudante da USP, e a reação foi a batalha armada entre os dois polos, que culminou no incêndio

do prédio da Filosofia.

As consequências deste episódio não se limitam apenas à violência física. Desde então, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas seria um dos principais alvos do governo ditatorial, que interviria na própria estrutura curricular dos departamentos uspianos, ressaltando cada vez mais a figura do especialista, em detrimento da formação humanista que até então era privilegiada. Olgária Matos estava no meio deste processo, mas ainda viveria um projeto de formação anterior que permitia ao universitário optar por duas carreiras. Primeiramente, ela optou por Filosofia e Psicologia, curso o qual não concluiu, seguindo para uma formação complementar na Escola de Comunicação e Artes, um projeto que ainda era muito novo, com um currículo muito incerto, o que motivou sua desistência¹. Tais passagens inconclusas têm sua importância para a compreensão da trajetória intelectual de Olgária Matos, cujos pensamentos são habitados por temas psicológicos e estéticos no interior da Filosofia.

Assim, as articulações filosóficas de Olgária Matos refletem continuamente as experiências de 1968 e o esforço interdisciplinar para a composição dos conceitos. Não por menos, é possível imaginar por que suas opções cada vez mais se aproximam de experiências intelectuais como as de Walter Benjamin, autor que forja muitas das suas inquietações entre reflexões sobre teoria das ciências humanas, filoso-

(1) “Entrevistando a filósofa Olgária Matos” no sítio http://www.filosofia.com.br/vi_entr.php?id=25

fia política e estética.

Tempo e melancolia como estratégias políticas

Em tempos difíceis, sobretudo para aqueles que dedicavam o trabalho do conceito no campo da política, eram poucas as opções. No capítulo brasileiro da filosofia, posteriormente à batalha da Maria Antonia, a formação se estendia às terras francesas. Muitos optaram por prosseguir suas pesquisas nas universidades daquele país, que forneciam então um ambiente mais propício e estruturado para o livre pensamento. Não seria diferente para Olgária Matos, que, entre os anos de 1971 e 1974, frequenta a Universidade de Paris I (Sorbonne) e, orientada pelo rousseuísta Pierre Burgelin, desenvolve seu primeiro trabalho de maior fôlego sobre o conceito de desigualdade em Rousseau. Aqui já se manifesta a formação da historiadora da filosofia ligada ao seu próprio tempo. Nesta dissertação de mestrado, posteriormente publicada², é possível encontrar a mistura da investigação rigorosa sobre o trajeto de um conceito filosófico na obra de um autor com a opção ousada da pesquisa sobre um conceito que nos diz respeito diretamente: a desigualdade.

Quando retorna ao Brasil, a investigação de Olgária Matos sobre as origens rousseuístas da revolução toma corpo e absorve novos interlocutores.

(2) Rousseau - uma arqueologia da desigualdade, São Paulo: MG Editores Associados, 1978.

(3) Vencedor do prêmio Jabuti em 1990.

A estudante opta por uma investigação contemporânea da temática da revolução e defende a tese de doutoramento, orientada pela professora Marilena Chaui, *Os Arcanos do Inteiramente Outro – A Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução*³. Aqui se anuncia um vínculo importante para compreendermos os desdobramentos intelectuais de Olgária Matos, envolvida pelas temáticas de Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e, em especial, Walter Benjamin. Neles, encontra fundamentos para pensar a transformação do tempo presente. Da abordagem de Olgária Matos, pensar seu próprio tempo exige uma filosofia da história peculiar – distante de uma explicação finalista que antecipe de antemão o significado do passado – ou de um relativismo pleno – pelo qual os fatos históricos não passam de meros acontecimentos sem qualquer articulação. De outro modo, a autora insiste na articulação frankfurtiana de se pensar um momento privilegiado da história: a revolução – um modo de dizer que a história deve ser lida a partir do “ponto de vista da emancipação” (MATOS, 1989, p. 17).

Entretanto, que não nos enganemos com o significado comum do termo. A emancipação aqui não é o termo carregado de triunfo. A leitora da teoria crítica lembra com precisão a experiência intelectual de Horkheimer enquanto “pessimista teórico e otimista prático” (idem, p. 15). Com isso, explicita-se o projeto frankfurtiano em compreender a filosofia da História não como a consolidação de um sistema explicativo do mundo, mas como uma base crítica dos projetos da racionalidade moderna. Longe de ser um elogio ao irracionalismo, o pen-

samento crítico sobre a história se fortalece com o pessimismo que nunca se esquece de que, como afirma Horkheimer, “o caminho da história passa pela sofrimento e a miséria dos indivíduos” (apud MATOS, 1989, p. 14). Contudo, atentemos para o fato de que o pessimista teórico está longe de ser um resignado, que abre mão das perspectivas de seu tempo. Mais do que isso, a crítica da racionalidade moderna alimenta o sentimento benjaminiano da “melancolia de esquerda”, termo composto que abarca tanto o caráter progressista das frentes de esquerda quanto o caráter nostálgico-aristocrático do tédio romântico. Segundo Olgária Matos,

O melancólico é aquele que se prende ao passado, que encontra dificuldades em esquecer; característica que interessa aos frankfurtianos, pois o melancólico é memorioso e conserva as esperanças irrealizadas do passado. Num mundo no qual se encoraja a amnésia, em que o recalçamento toma lugar do esquecimento, a melancolia de esquerda ainda é capaz de apelar a coisas que de outra forma estariam perdidas (1989, p. 21).

Com isso, a autora apresenta uma inquietação permanente em seus ensaios: questionar-se pelo estatuto da racionalidade moderna em contraposição aos desvios da temporalidade. Ou seja, ao conservar o passado, o melancólico provoca um distúrbio no interior da vivência cotidiana. Isto porque o melancólico é consciente do que ainda não é, ao retomar a desesperança do passado, contraposta ao triunfo da

racionalidade estabelecida.

Temos aqui uma filosofia da história não mais congelada em sua significação. Trata-se de se perguntar: e se não fosse assim? Questão simples, que faz com que as relações sociais não tenham uma explicação única, que os fatos não sejam explicados como se fossem relações entre coisas, que escape das armadilhas da reificação, frequentes nos discursos das ciências humanas. Ou seja, segundo a autora, a Teoria Crítica dos frankfurtianos “procura, com seu olhar melancólico, reconhecer o caos por detrás da ordem aparente das coisas, sem no entanto se preocupar com a impossibilidade da reconciliação” (idem). Afirma, assim, um modo de ler a história como abertura, redimensionando a racionalidade que não se limita às formas abstratas, ao compreender o fundo contingente de um passado que não se naturaliza, que não se fixa em mitos.

Desafios da contemporaneidade

Com tais referências teóricas, Olgária Matos aos poucos ocupa espaço no debate público. Já em meio ao seu processo de doutoramento, preenche o quadro de professores da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Assim, em 1979, ocupa o cargo de professora assistente e, em 1986, após a defesa de sua tese, é reconhecida como professora doutora daquela instituição, responsabilizando-se frequentemente pelos cursos de teoria das ciências humanas. Desde então, constitui não apenas o diálogo com seus alunos, como também procura estabelecer o debate com círculos mais amplos da sociedade. É o que se encontra já em 1979 nos seus

ensaios sobre o movimento feminista (MATOS, 1979a e 1979b), na participação de séries didáticas como o seu Paris 1968: As Barricadas do Desejo da coleção Tudo é História (1981), ou mesmo nos artigos para jornais e revistas – fazendo o discurso filosófico habitar seu lugar “natural”: o espaço público.

Mais do que isso, interessante é compreendermos a estratégia de ocupação deste lugar adotada pela intelectual. Não se trata de separar a professora da pensadora e, muito menos, de reduzir uma função à outra. Em seus ensaios, Olgária Matos é a teórica das ciências humanas que procura estabelecer uma pauta de discussão para a sociedade. Neste sentido, faz com que os conceitos circulem, de modo que se tornem vivas as críticas sociais nos momentos mais sensíveis que necessitam de resgate do pensamento (como a banalização da violência, as perversões de uma sociedade de mercado, os significados utópicos dos movimentos sociais). Muitos destes artigos são recuperados em livros mais recentes – como as coletâneas Discretas Esperanças: Reflexões Filosóficas sobre o Mundo Contemporâneo (2006), Adivinhas do Tempo: Êxtase e Revolução (2008), Contemporaneidades (2009) e Benjaminianas: Cultura Capitalista e Fetichismo Contemporâneo (2010). Escritos que nos permitem refletir sobre o que há de estranhamente familiar na contemporaneidade.

Deste modo, podemos encontrar em seus ensaios não apenas a crítica da modernidade pelo referencial frankfurtiano da filosofia da história, como também a importância dos referenciais psicanalíticos e estéticos, a fim de compreender uma sociedade pautada pelo consumo e o conforto oferecido pela mercado-

ria. Abrem-se aqui os critérios da sensualidade e da sexualidade que permeiam e sustentam os modos pelos quais os indivíduos se reconhecem no interior da sociedade de consumo. Não por menos, Olgária Matos continua a recorrer aos pensamentos de Walter Benjamin. A análise benjaminiana sobre a Paris do século XIX, seus poetas e sua arquitetura coloca em evidência as formas ideológicas do capitalismo de modo muito próximo ao que anos depois Guy Debord chama de “sociedade do espetáculo”. Interessa, pois, às reflexões de Olgária Matos, a crítica refinada de Benjamin sobre a nova forma ideológica do capitalismo: o “luxo industrial” exposto nas vitrines das passagens parisienses.

A Paris benjaminiana era a “cidade-fetiche”, uma “obra de arte total”, em que nada era natural, “tudo era artifício, espetáculo, irrealidade” (MATOS, 2010, p. 127). Não se trata de concluir que os muros e multidões daquela cidade seriam uma mera ilusão; nem sequer, que aquela seria uma cidade dos sonhos. Longe disso, o que a crítica benjaminiana sustenta é a ideologia do prazer pelo consumo que não encontra mais as divisões que estabelecem categorias para o pensamento. Opera aqui a lógica da alucinação, uma vez que o prazer ocupa não um lugar de ilusão; pelo contrário, o que se passa no alucinado é o “excesso de realidade”: o hiper-realismo. Em outras palavras, o fetiche de Paris está em sua artificialidade que sustenta a nova ordem social das massas que perambulam em suas ruas e, principalmente, são encantadas pelo “sex-appeal do inorgânico”, nos fantasmas sedutores das mercadorias a todo o momento expostas em suas vitrines. Sedução

que impede a memória, como Olgária Matos traduz em termos contemporâneos quando reflete a natureza da “democracia midiática” e afirma:

Tanto a mídia informativa quanto a de entretenimento visam um público consumidor, dando a consumir também os seus valores: ideologia da facilidade, rapidez na captação da mensagem, confisco do tempo da reflexão dominam e passam a impregnar a cultura e a educação através da simbiose entre mídia e indústria cultural (MATOS, 2006, p. 15-16).

É como se, das vitrines das passagens parisienses às telas dos aparelhos televisivos, permanecesse o apelo sedutor de suas mercadorias a instaurar o “canto das sereias” que atingem diretamente o “desejo”, elemento constitutivo central das subjetividades modernas.

Não se trata de qualquer manifestação do desejo, e, sim, do “desejo de posse” em que a fantasmagoria da mercadoria conquista a realidade. Em outros termos, por vezes, paga-se mais pelo valor da embalagem do que pelo corpo da mercadoria. Como se a embalagem, lembra Debord, transcendesse sua função de proteção da mercadoria, e passasse a constituir uma personalidade própria, a imagem de uma marca. Institui-se assim o desejo de posse ao olhar do consumidor, um “amor de transferência” em que “o charme da manequim magicamente migra para aqueles que imitam seu estilo” (MATOS 2010, p. 123). No fim, “deseja-se o que se supõe ser o dese-

jo de outro, tomado como obstáculo à realização de meu desejo” (idem, p. 10). Ou seja, o indivíduo vive na cidade a mimetizar a apropriação, vivendo o desejo alheio como se fosse o próprio desejo.

A contrapartida crítica? Benjamin não põe em marcha a classe proletária. Para o autor, o herói da modernidade é o flâneur, o sujeito ocioso que se deixa “levar pela multidão e pelo ritmo das tartarugas”, que encontra no tédio o remédio para os apelos fugazes da sociedade do consumo. Eis um resultado que a melancolia da esquerda aponta precavendo-nos do imperativo de felicidade instaurado pela ideologia do prazer pelo consumo. É o flâneur aquele que ainda conserva uma memória central que o exercício de reflexão proposto por Olgária Matos insiste: a memória de um dos direitos mais radicais que escapa aos apelos de uma sociedade do consumo: o “direito à preguiça”, presente na ociosidade de quem é dono de seu próprio tempo.

Tais provocações fazem de Olgária Matos uma figura pública ímpar. Singularidade que constitui debates e linhas de pesquisa, que traduz o filosófico e o não filosófico em círculos cada vez mais amplos na sociedade, e que se efetiva nas instituições em que atuou e que auxilia a constituir. Em 2007, Olgária Matos colabora na criação do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, em Guarulhos (Unifesp/Guarulhos), do qual é, desde então, coordenadora. É professora aposentada do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, bem como colaboradora do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade de Sorocaba (Uniso). Novas atividades e ensaios nos re-

servam surpresas, afinal esta autora não se satisfaz com o gabinete de sua biblioteca, mas se alimenta com a narrativa do seu tempo.

BIBLIOGRAFIA DA AUTORA:

MATOS, Olgária. Adivinhas do Tempo: Êxtase e Revolução. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. A Escola de Frankfurt - Sombras e Luzes do Iluminismo, São Paulo: Moderna, 1993a.

_____. A melancolia de Ulisses. In NOVAES, Adauto (Org.). Os Sentidos da Paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Benjaminianas: Cultura Capitalista e Fetichismo Contemporâneo, São Paulo: Editora Unesp, 2010a.

_____. Contemporaneidades. São Paulo: Editora Lazuli, 2009.

_____. Descartes: o Eu e o Outro de Si. In NOVAES, Adauto (Org.). A Crise da Razão. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. Discretas Esperanças: Reflexões Filosóficas sobre o Mundo Contemporâneo. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

_____. Feminismo ou revolução. In MANTEGA, Guido (Org.). Sexo e Poder. São Paulo: Brasiliense, 1979a.

_____. Filosofia: a Polifonia da Razão. São Paulo: Scipione, 1999a.

_____. Maio e mitos. In GARCIA, Marco Aurélio (Org.). Rebeldes Contestadores. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999b.

_____. Marcuse e os movimentos feminis-

tas. Revista Singular Plural, São Carlos, p. 12-15, 1979b.

_____. Modernidade: República em Estado de Exceção. Revista da USP, São Paulo, n.59, setembro/novembro 2003b.

_____. O iluminismo visionário: W. Benjamin, leitor de Descartes e Kant, São Paulo: Editora Brasiliense, 1993b.

_____. Os Arcanos do Inteiramente Outro: A Escola de Frankfurt, a Melancolia, a Revolução, São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Paris, 1968: As Barricadas do Desejo São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. (Col. Tudo é História).

_____. Prefácio: A dignidade da preguiça, a dignidade humana. In LAFARGUE, Paul. O Direito à Preguiça, São Paulo: Editora Claridade, 2003a.

_____. Reflexões sobre o amor e a mercadoria. Discurso. Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, São Paulo, v. 13, 1983.

_____. Rousseau - uma Arqueologia da Desigualdade. São Paulo: MG Editores Associados, 1978.

_____. Teoria das Ciências Humanas: A Escola de Frankfurt. In CHAUI, Marilena de S. (Org.). Primeira Filosofia - Lições Introdutórias. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Vestígios: Escritos de Filosofia e Crítica Social. São Paulo: Palas Athenas, 1998.

_____; Denise Milan (Org.). Gemas da Terra: Imaginação Estética e Hospitalidade, São Paulo: SESC, 2010.